

viviana marcela iriart

**PORTA ABERTA
AO MAR**



Escritoras Unidas & Cía. Editoras

PORTA ABERTA AO MAR

[viviana marcela iriart](#)

Web: [VMI](#)

Capa: ©[Claudia Lopez Osornio](#)

Tradução: ©[Alejandra Rodrigues](#)

Contato: escritorasunidas@gmail.com

Web: [EU&C.E](#)

©1992 [viviana marcela iriart](#)

©2017 [Escritoras Unidas & Cía. Editoras](#)

[Escritoras Unidas & Cía. Editoras](#)

Primeira Edição: Janeiro 2017

Direitos Reservados

A:

[Sonia M.Martin](#), sempre, por tudo; **Yamelis Figueredo** e **Elly Messmer** porque acreditaram em mim quando nem sequer eu acreditava em mim; [Doris Berlín](#) pela vida que me deu; [Rubén Rega](#) por suas críticas e sugestões; [Fanny Arjona](#) por sua amorosa compreensão.

A [Joan Baez](#) e [Oriana Fallaci](#) , por sua inspiração.

Às vítimas das ditaduras e revoluções de direita, esquerda, centro...

Obra estreada o 14 de Abril de 2007 na Sala de Concertos do [Ateneu de Caracas](#), Venezuela, no ciclo "[Três dramaturgas do silêncio ao estalido](#)", em homenagem a [Esther "Dita" Cohen](#).

[Rosalinda Serfaty](#): Sandra [Fedra Lopez](#): Dunia

Realização cenografia: Ramón Pérez Pina
Telão: Jesús Barrios
Assistente direção: Carlos Ramirez / Assistente produção: Sonia Diaz
Musicalidade: Eduardo Bolívar

Cenografia e vestuário: [Carmen García Vilar](#)

Iluminação: [Carolina Puig](#)

Canções: [Eladia Blázquez](#)
[María Elena Walsh](#)
[Carmen Guzmán](#) - [Mandy](#)

Produção artística: [Carolina Puig](#) - [María Eugenia Romero](#)

Coreografias: [Luz Urdaneta](#)

Diretor: [Aníbal Grunn](#)

Produção Geral: [Benjamín Cohen](#)

Videos: [1](#) - [2](#) - [3](#) / [Imprensa](#)

Argentina, aproximadamente 1990. A sala duma casa velha. É um lugar cálido, com poucos elementos. Um janelão, um abajur, um cabide, um sofá. É o final da tarde dum dia de inverno.

Sandra, exilada argentina duns quarenta anos, chega à casa de Dunia, amiga da infância da mesma idade, depois de mais de dez anos de ausência. As duas estão vestidas informalmente, percebendo por a forma de vestir-se que são duas profissionais modernas e de sucesso.

Sandra e Dunia manterão sempre um estrito controle de suas emoções: temem esgotar-se. Podem alçar a voz, mas não gritar, rir com alegria verdadeira mas não às gargalhadas, emocionar-se até as lágrimas mas não chorar com desesperança. Nunca perdem a compostura.

O que elas receiam manifestar com palavras exprimem-no a través da dança: uma dança moderna e à vez antiga, como seus conflitos.

O cenário está na penumbra.

Escuta-se a [Susana Rinaldi](#) cantar "[Por que vai vir](#)", de Carmen Guzman e Mandy, até o momento no que as personagens falam.

Dunia entra pelo lateral direito, emocionada, nervosa. Senta-se, para-se, vai dum lado ao outro. Está muito contente. Quase não pode conter o riso.

Pelo lateral esquerdo faz sua aparição Sandra. Está nervosa e emocionada, mas seus movimentos são lentos e controlados. Detêm-se quando chega ao janelão, que se ilumina tenuemente com uma luz cálida. Olha para o interior mas não vê ninguém. Dunia tem saído de cena nesse momento. Avança até a boca do cenário. Dunia entra e não a vê. Vai até a boca.

Até que se indique o contrario, Sandra e Dúnia atuarão como se estiveram num sonho. Não se olharão nem tocarão jamais. Quando falam, é como se falassem consigo mesmas.

SUSANA RINALDI

“Por que você vai vir, minha casa velha
inaugura uma flor em cada grade.
Por que vai chegar, depois de tanto,
confundem-se em mim, risos e choros.

Sei que vai vir não o diz,
mas vai chegar uma manhã.
Na minha voz há um canto, já não estou triste
e entra um raio de sol por minha janela.

Porque vai chegar, duma longa viagem,
é diferente a cor, outra a paisagem.

Tudo tem outra luz, tem outro jeito,
porque vai chegar depois de tudo.

Porque vai vir, desde tão longe,
hoje voltei olhar-me no espelho.
E como me estão vendo, perguntava-me,
os olhos desse hoje que eu esperava.

Porque vai vir, minha casa velha,
inaugura uma flor em cada grade.
Porque vai chegar, é que espero-lhe
por que você me quer e eu a você.
Porque vai chegar, é que o espero.
“porque você o quer e eu o quero.”

SANDRA (*como se estivesse sozinha, sem notar à Dunia*)
E então pensei, terá mudado muito? Terei mudado tanto?

DUNIA (*Na mesma atitude de Sandra*)
Eu esperava impaciente. Olhava-me nos espelhos e perguntava-me com que olhar veria estas rugas que pegaram meus olhos sem os seus. Reconhecer-me-ia com estes cabelos brancos que não lhe contei?

SANDRA
A rua de sua casa parecia a mesma. A laranjeira na esquina do quitandeiro, as lajotas ainda quebradas no armazém de Dom Giuseppe, a magnólia que jamais quis dar flor. Mas sobre tudo o cheiro da laranjeira que sempre anunciava a cercania de sua casa. Tudo parecia igual.

DUNIA
Sua voz ao telefone, alegre e brincalhona, outra vez cá e não lá, a mesma voz de sempre e juro-lhe, tive vontade de comer-me o auricular para comer-me sua voz para que jamais fosse embora.

SANDRA (*Põe-se de costas*)

Confesso: tive medo. A campainha estava ali, pequenina e lustrosa. Parece um mamilo, pensei, um mamilo que convida ao erotismo, mas não, essa campainha-mamilo convidava-me ao passado, e eu dizia: o toco, não o toco. Estendia um dedo e acariciava-o lentamente, sem pressioná-lo, não seja que se excite e soe. Meu dedo lhe recobrava em minha memória.

DUNIA (*Põe-se de costas*)

Eu olhava-lhe a traves do olho da fechadura da porta, a qual das duas via? Os anos passavam pelo olho de vidro, que não me deixavam vê-la.

SANDRA (*Avança devagar de costas até Dunia*)

Meu dedo seguia na campainha. Uma porta tossiu debilmente e eu a escutava. O mamilo que geme não ia ter que ser tocado. Traspassei a soleira e arrimei meu peito, meu corpo todo sobre a porta.

DUNIA (*Avança lentamente de costas até Sandra*)

Eu vi-la e colei meu corpo no exato lugar onde você tinha posto o seu. Uma porta separava-nos e uma porta unia-nos. Eu estava-me afogando e pensei: não há margem perto nem guarda vida na cercania.

SANDRA

Vossa respiração na minha orelha asfixiava-me, não me deixava pensar. Eu enlouquecia, eu desvanecia.

DUNIA

O ar de sua boca dava-me calor e eu ia enchendo-me de doçuras velhas. O ar de sua boca queimava-me, eu era um bonzo.

SANDRA (*Se para muito perto das costas de Dunia, sem tocá-la*)

Seus dedos arranhando a madeira, arranhando e gemendo, como uma gata vagabunda em ponto de parir lembranças mortas

DUNIA

Senti que se deslizava pela porta até chegar ao chão e a alcancei para não se bater.

SANDRA

Suas costas metiam-se nas minhas, atravessavam. Eu sofria, eu gozava.

DUNIA

Você chorava, você que jamais chorava, com um choro que não lhe conhecia.

SANDRA

Você chorava e suas lágrimas tinham a mesma dor que sempre lembrava.

DUNIA

Escutei-lhe dizer: por fim há voltado.

SANDRA

E escutei-lhe contestar: por fim hei regressado.

Susana Rinaldi canta “[O coração ao sul](#)” de Eládia Blázquez. Sandra e Dunia miram-se por vez primeira, ainda estranhas, e dançam um tango mistura de coreografia clássica com moderna. No princípio dançam mantendo a distancia de duas pessoas que não se conhecem; na medida em que o tango avança tomam confiança.

“Nasci num bairro onde o luxo foi uma sorte,
por isso tenho o coração olhando ao sul.
Meu pai foi uma abelha na colméia
as mãos limpas, o alma boa...

E nessa infância, a temperança forjou-me,
depois a vida tendeu-me mil caminhos,
e soube do magnata e do batoteiro,
por isso tenho o coração olhando ao sul

Meu bairro foi uma planta de jasmim,
a sombra de mina mãe no jardim,
a festa doce das coisas mais simples
e a paz na relva de cara ao sol

Meu bairro foi mina gente que já não está,
as coisas que já nunca voltarão,
se desde o dia no que fui embora
com a emoção e com a cruz
eu sei que tenho o coração olhando ao sul!

Levo em mim a geografia do meu bairro,
será por isso que nao parti para sempre,
a esquina, o armazém, a garotada
os reconheço... são algo meu...

Agora sei que a distancia não é real
e descubro-me nesse ponto cardinal,
voltando a infância desde a luz,
tendo sempre o coração olhando ao sul!”

SANDRA

As vezes que Miri chorou cantando esta canção. Claro, desde Venezuela, “sul” significava Argentina. *(Pausa. Sorri)* Nos sentávamos num café em Sabana Grande e púnhamo-nos a lembrar. “Lembra-se da rúa tal? “Claro! E você, lembra-se daquela esquina, daquela fragrância, daquela luz essa manhã? *(Pausa)* Inevitavelmente surgia o tema das comidas... os sanduíches de “miga”! Você pode acreditar que na Venezuela não há sanduíches de miga? Agora que o tempo passou, penso que há poucas coisas tão bobas como ter saudades duma comida, mas então... *(Pausa)* E assim, entre lembrança e lembrança, a mesa ia-se enchendo de gente, gente que sabia que Miri cantava, aficionadamente só, e então... o que lhe pediam?

DUNIA

Miri cantava, os olhos iam-se-lhe enchendo de lágrimas e no final, quase como se o tivesse preparado, como se fosse uma atuação, com a última frase... uma lágrima caía.

SANDRA (*Agradavelmente surpreendida*)

Tem boa memória.

DUNIA

As vezes que me contou por carta! Se parecia que as sextas pela noite, a única coisa que você tinha para fazer era ir a Sabana Grande escutar Miri cantar... (Cantarolea "*O coração ao sul*")

SANDRA

E a lembrar. E... eu também chorava, sabe? Por que quando o arrancam de sua terra e o deixam sem raízes no ar numa terra alheia, que outra coisa pode fazer senão chorar?

Ficam um instante em silêncio.

DUNIA (*Está emocionada mas trata de dissimular*)

E o quê foi da vida de Miri?

SANDRA (*Sorri com ternura*)

Passou-se todo o exílio chorando porque não suportava a distância. Quando tudo acabou teve medo de voltar... como eu... e ali está, ainda em Caracas, cantando o mesmo tango, dizendo: "No próximo mês regresso para sempre". E o próximo mês nunca chega.

DUNIA

Estranho paradoxo. Vocês sentindo saudades por um país que nós queríamos abandonar, qualquer país era melhor do que este. Não se imagina a inveja, sana, mas inveja no fim, que me dava cada vez que recebia uma carta sua e estava no México, na Londres, em Nova Iorque... Porque estávamos... bem, como estamos agora, longe do mundo.

SANDRA

E eu invejava-lhe quando em suas cartas falava-me de seus passeios pela cidade... por *minha* cidade, reduzida a ser um mapa colado na rolha de meu fogão.

DUNIA

Mas quando moravas aqui... que feio parecia-lhe tudo! Não fazia mais que criticar, lembra-se? Não havia país pior do que este.

SANDRA (*Zombando-se com carinho*)

Nem melhor. Porque nós ou somos os piores ou somos os melhores, mas iguais... jamais! Porque isso de ser como os latino-americanos... por favor! Somos europeus... ou éramos? Desde criança e como uma ladainha escutei essa frase, como se o ser europeus nos fizesse especiais e melhores.

DUNIA

É verdade. Depois sacaneávamos contra o italiano, a galega, o russo, o francês. Mas como gostávamos de ser europeus!

SANDRA

Até que a guerra das Malvinas chegou. Deve haver sido duro acordar um dia e repentinamente... horror! Ser latino-americanos!!

DUNIA

Imagine-se, se Victoria Ocampo dizia que em Paris éramos exilados argentinos e em Buenos Aires exilados europeus. Mas a guerra pôs-nos em nosso verdadeiro lugar geográfico.

SANDRA

Tomara que não precisemos de outra guerra para aprender o que nos falta. (*Pausa longa*) E bem, parece que vou ser condenada agora.

DUNIA

Você sempre tão fantasista.

SANDRA

Não, é verdade. Condenada porque não vivi o horror completo. Porque venho dum país que baila ao compasso das ondas e enquanto baila ri, ri ainda houvesse problemas, mas ri porque o inverno jamais chega, o sol não se vai jamais. E quem pode imaginar que se sofre em um lugar assim? Alegria, alegria parecem gritar as palmeiras balançadas pelo vento!

DUNIA

Será alegria isto que sinto quando a miro?

SANDRA

A dor e a alegria às vezes parecem-se.

DUNIA

Tantas vezes perguntei-me por quê eu e não você. Também os familiares, penso, perguntavam-se o mesmo. A dúvida acerca se tínhamos delatado ou não, enterrou-nos para sempre. Tanta terra e nenhum cadáver.

SANDRA

Nunca duvidei de você.

DUNIA

Queriam-nos vivos, mas impolutos. *(Pausa)* E aqui estou agora, tão viva para o mundo mas tão morta para meus cernes.

SANDRA *(Com muita ternura)*

Morta? Dê-me suas mãos, a ver... *(Apanha-as e as cheira delicadamente)* Hummmm.... cheiram a pão recém feito. *(Acaricia-as)* Mãos delicadas, suaves, quentes, quentes demais para uma morte diria eu. Mãos de terra, nunca de cal. *(Dunia retira suas mãos bruscamente)*. E seus olhos brilham.

DUNIA

Brilham de tanto ver o que olvidar querem.

SANDRA

Se eu fosse fada... *(Pausa. Alegre)* E então será como a Ave Fênix, pura pena e fogo.

DUNIA *(Comovida, quase sem poder acreditar no que ouvia)*

Fogo que cresce sem chama, pena que voa sem assa.

O fogo cresce na pena, a pena voa em sua chama.

Sonha que sonha a chama, que já é pássaro e que voa.

Sonha que voa pelos rios, voa que sonha por mares.

SANDRA

Balança que se balança um menino amamentado com chamas.
O menino que é água pura, o fogo que é lágrima pura.

DUNIA

Pura lágrima que ri corretando entre as chamas.
O riso não tem dentes, a chama não tem alma.

SANDRA

Alma que corre trás a lua enquanto as pedras andam perseguindo ao rio.
A lua não quer alma e a alma que dessangra-se.

DUNIA

A alma está desangrando-se na ponta duma estrela.
A lua piscou-lhe um olho, a alma piscou-lhe um beijo.

SANDRA

Pisca-lhe um beijo a alma e a lua desaba-se.
A alma não vê na noite, a lua não vê sem alma.

DUNIA

A lua está escapando-se e a alma vai com ela.
A noite ficou sem lua, o mundo ficou sem alma.

SANDRA

Mas não você.

DUNIA

Pensei que não o lembraria.

SANDRA

Seria como ter-me esquecido de mim.

Dunia, melancólica, se acerca ao janelão com passos lentos, pesados. Tudo se está pondo escuro. Uma estranha calma parece ter paralisado a cena. Desde muito longe escuta-se um suave murmúrio de pássaros acomodando-se em seus

ninhos. Dunia aspira profunda e lentamente, como se tudo, qualquer gesto, custara-lhe enormemente. Sandra parece ter perdido toda sua vitalidade e seu aprumo. O presente caiu sobre elas.

DUNIA

Você era a alma.

SANDRA

E você o corpo. Assim que agora estamos completas.

DUNIA

Completas? Em verdade acredita nisso? Somos um pássaro a quem têm-lhe arrancado as asas. Não mais céus nem nuvens para ele. Pura terra e lama onde afundar a cabeça até morrer.

SANDRA (*Trata de animá-la*)

Será o inverno que o põe assim? Ou será sua nacionalidade? (*Brincando*) Faça pátria! Não permita jamais que o otimismo a desvie de seu caminho patriótico. Queixe-se por tudo e o tempo todo. E não esqueça: primeiro a tragédia, o drama depois. (*Pausa*) Ou estará assim também quando a primavera chegar?

DUNIA (*Antipática*)

Estará aqui?

SANDRA (*Terra*)

Estarei se você estar.

DUNIA

Chega de jogo de palavras, Sandra.

SANDRA

Não se pode falar de partir quando não se tem terminado de chegar. Acenda a lâmpada, por favor. Nunca tem visto bem de noite.

Dunia o faz. Ficam as duas paradas aos lados da lâmpada, iluminadas só por seu feixe de luz.

SANDRA

Se vê linda a sala com esta luz. É uma lâmpada que não conocia-lhe e sabe iluminar. Nem deslumbra por muita luz, nem cega por pouca. Gosto dela. Se as pessoas pudéssemos ter essa medida.

DÚNIA (*Irônica*)

A casa mudou um pouco. Como tudo.

SANDRA

Parece que algo lhe doesse muito.

DUNIA

Dói viver, morrer também dói. (*Pausa*) Vê-se tão forte, segura. Dura. Um vulcão. Que pode cuspir lava a quem quiser, mas a quem ninguém lhe pode cuspir nada.

SANDRA

Os vulcões são muito fracos. Quando cospem tremam, não de raiva senão de dor.

DUNIA

E o que eu faço com esta nostalgia do que já foi e já não é? Como lhe explico a meu coração que os anos não podem passar senão arrastando tudo ao seu passo?

SANDRA

Como um rio furioso que se ufana em mudar as pedras de lugar.

DUNIA

Para o meu desconcerto, a paisagem tem mudado de cor.

SANDRA

Eu também tenho nostalgia.

DUNIA

Parece que só eu lembrasse, que o passado fosse meu só.

Sandra vai até o cabide e tira de sua bolsa uma garrafa de Ron Pampero. Mostra-la a Dunia.

DUNIA (Surpreendida)

Isso?

SANDRA

Ron

DUNIA

¿Rhum?

SANDRA

Ron. Ron venezuelano. *(Ensina-lhe a marca)* Lê.

DUNIA (Sem entender)

Pampero.

SANDRA

Sabe por que bebo Ron Pampero e não de outra marca? Porque me faz lembrar.

DUNIA

Não será do vento, não? Porque veja que ter nostalgia dum vento... seria o cúmulo! *(Brincalhona)* Embora sendo você...

SANDRA (Divertida)

Frio, frio, frio... gelou-se! Tem você uma segunda oportunidade para se ganhar um golinho de Ron, ideal para aquecer almas esfriadas por lembranças distantes. Aposte, aposte! Que quem não aposta não ganha.

DUNIA (Divertida)

Pam... pero. *(Pausa)* Pampero *(Pausa)*. Mas é claro! A Pampa, pamero vem de Pampa. A famosa pampa argentina, cara!

SANDRA

Tíbio... não está mal.

DUNIA

Dê-me uma ajudinha pelo menos.

SANDRA

Está bem, mas só uma. Quem anda pela pampa?

DUNIA (*Pausinha*)

Vacas! (*Dá um pulo contente*) Vacas! Pagando, cara, pagando!

SANDRA (*Divertida*)

Veja como é boba! Vacas! Somente você pode pensar que eu tivesse nostalgia das vacas. Reprovada filhinha! Ron Pampero me faz lembrar...

DUNIA (*Intrigada*)

O quê? Diga-o numa vez por todas.

SANDRA (*Brincando*)

O rio, o salgueiro chorão, um sol que rachava a terra...

DUNIA (*Alegre*)

E você e eu, trancinhas no cabelo, lendo as aventuras de... Patoruzinho e seu fiel cavalo Pamperinho, senhoras e senhores! (*Zombando com carinho*). Sim é para morrer... do riso! Uma mulher com sua idade, não tem vergonha?, tendo nostalgia de historietas infantis.

SANDRA (*Seguindo o jogo, dramatizando*)

Dez anos sem ler suas aventuras! Como pude sobreviver? Não pude. Por isso bebí, para esquecer enquanto lembrava.

Sandra serve ron na tampa da garrafa e a passa a Dunia, que a apanha como se fosse uma delicada taça e bebe com elegância, atuando a cena. Pigarreja um pouco: o ron puro queima a garganta. Devolve a tampa a Sandra, que serve-se e bebe imitando a atitude de sua amiga mas não pigarreja: ela sabe beber ron. Sandra dá por terminada a celebração e vai até o cabide. Dunia a segue com atitude de detetive de historietas, tratando de pisar sobre suas pisadas. Sandra guarda a petaca em sua bolsa e volta-se bruscamente, batendo na Dúnia que não

pôde deter-se a tempo. Miram-se com alegria, como se finalmente se tivessem reconhecido e caem num abraço tímido. Depois apertam-se fortemente.

DUNIA (*Emocionada, se separa um pouco para mirá-la aos olhos sem deixar de abrazá-la*)

Não tem cambiado, é incrível. O mesmo otimismo de sempre! Se existisse uma única ponte por onde cruzar e tivesse sido destruída, você diria: vou cruzá-la. E não sei como, mas o faria.

SANDRA (*Sorri com melancolia*)

Isso era antes, sabe? Agora, quem sabe.

DUNIA

Eu sei.

SANDRA

Não, não sabe

DUNIA

O que acontece?

SANDRA

Tenho mudado.

DUNIA

Sinônimo que você está viva. Porque os únicos que não podem mudar são os mortos.

SANDRA (*Sorri*)

Tenho envelhecido.

DÚNIA (*Surpreendida*)

Alguns cabelos brancos aqui e ali, sim. (*Pega neles*) Rugas? Dentro dos olhos, talvez. (*Os toca*) Há uma aqui, sim, pequenina, na comissura dos lábios. (*A percorre lentamente com um dedo*) Mas velhice, o que se diz velhice, onde Sandra?

SANDRA

Na alma.

Dunia a mira como se de repente não a conhecesse. Sandra vai até o janelão e se para do lado de fora iluminada por um zenital.

DUNIA (*Indo para o janelão*)

Aquele desesperante dia em que você foi embora descobri que era parte de mim. Não de minha vida, isso já o sabia, senão de mim. Fiquei mutilada, um centopeia com cinqüenta patas. Tive que aprender a viver sem você e sem mim. (*Detém-se frente ao janelão, do lado de adentro*).

SANDRA (*Mirando-a a través do janelão*)

Verdade é que fiquei com as outras cinqüenta patas, cinqüenta patas que jamais puderam tocar o chão.

DUNIA (*Olhando-a pelo janelão*)

Sempre me custou diferenciar uma da outra. Nunca soube qual das duas ficou viva. E sempre pensei que quando você voltasse, devolver-me-ia a parte de mim que me pertencia. A que se levou acaso sem saber. Mas agora volta e não me quer dar nada. Meus olhos estão vazios e tenho que seguir olhando.

SANDRA

Seus olhos estão vazios e tenho que seguir olhando-os. Também os meus tem sido arrancados de suas órbitas. Também eu fui mutilada. Mas não lhe roubei sua essência, você não me quitou a alma. E que dor não encontrar-me no que sua boca diz. Sua boca que sempre dizia como a minha dizia sua boca. Mas querida, não há nada que possa ser voltado por que nada me levei. A metade de mim que era você nunca acordou em Caracas.

DUNIA (*Põe suavemente as mãos abertas sobre o janelão*)

A metade de mim que era você que era eu... Onde acordava? Levantar-me com seu corpo e caminhar com o meu. Lavar minha cara e secar a sua. Que dor tão grande não encontrar-te em nenhum lugar e que estivesse em todos.

SANDRA (*Põe as mãos no janelão sobre as mãos de Dúnia*)

A manhã acordava nua entre os lençóis e eu perguntava-lhe como fazia para amanhecer sem você. Ela contestava que não lhe conhecia. Não me conhece? A manhã baixava os olhos e calava-se.

DUNIA

Você era o ar, eu os pulmões. Eu morria, você o não sabia.

SANDRA

Eu sim sabia, também morria. Morrer e seguir vivendo, hei aqui o inferno.

Sandra distancia-se do janelão e percorre a sala buscando alguma coisa.

SANDRA

Onde estão?

DUNIA

Não estão.

SANDRA

E isso?

DUNIA

De verdade queria que estivessem?

SANDRA

Como não voy ter vontade de ver Fernando e seu filho?

DUNIA

Como nunca escreveu...

SANDRA

Recebi centenas de cartas e nenhuma tinha seu remetente.

DUNIA

Sentia-se culpável.

SANDRA

Poderia ter acontecido com qualquer um. É mais, sabe quanta gente conheci no exilo com quem aconteceu o mesmo? Como ia saber Fernando que estávamos escondidas ali? Justamente ali!

DUNIA

Na realidade... era eu quem não queria que estivessem.

SANDRA

Ah, descarada, o mesmo truque de sempre.

DUNIA

Não todos os dias uma pessoa reencontra-se com a amiga da infância... da adolescência... a que soube do seu primeiro namorado... seu primeiro beijo...(*Dramática in crescendo*)... com a mulher que foi seqüestrada junto a você... a que a ouviu gritar...a que a curou como pôde as feridas...a que a viu perder todo o orgulho... toda a dignidade... tudo...

SANDRA (*Protetora*)

Eu também não estava em melhores condições... Eu...

DUNIA (*Interrompindo, tenra*)

Você? Você estava formidável. Quebravam-lhe a boca e então fazia música com as mãos; quebravam-lhe as mãos e usava os pés; quebravam-lhe os pés e já a boca tinha sarado um pouco e então cantava-nos baixinho, muito baixinho para que eles não ouviram, lembra? (*Canta em tono de voz muito baixo* "[Canção de Caminhantes](#)" de Maria Elena Walsh)

“(...) porque esperando sozinhas pouco se alcanza,
valem mais dois temores que uma esperança”

SANDRA (*Canta baixinho, quase recitando*)

“Dê-me a mão e vamos já,
dê-me a mão e vamos já.”

DUNIA

“Ánimo daremos-nos a cada passo,
ânimo compartilhando a sede e o copo.”

SANDRA

“Ánimo que embora temos envelhecido,
sempre a dor parece recém nascida.”

DUNIA (*Com certa esperança*)

“Dê-me a mão...”

SANDRA (*Com muita esperança*)

“...e vamos já”

SANDRA E DÚNIA (*Cantam emocionadas, mas sem se abrumar*)

“Dê-me a mão e vamos já
dê-me a mão e vamos já”

SUSANA RINALDI

“Porque a vida é pouca, a morte muita.
Porque não há guerra, mas segue a luta.
Sempre nos separaram os que dominam,
mas sabemos que hoje isso se acaba.
Dê-me a mão e vamos já”

DUNIA

Então, durante alguns momentos, julgávamos estar num campo de flores, e voltamos a crer no ser humano, porque se você no médio de todo o horror podia nos cantar desse jeito, então não estava tudo perdido.

SANDRA

Creiamo-nos tão heróicas e eles demonstraram-nos que éramos tão... como dizê-lo sem ferir a ninguém?

DUNIA (*Dura*)

Chega.

SANDRA (*Dura*)

Chega, sim.

DUNIA (*Incapaz de abandonar as lembranças*)

Pórem nós não “cantamos.” (1)

SANDRA (*Irônica*)

Nem outras nem outros. Que dignas somos, verdade? Podemos ver os olhos deste país e cuspi-lhe sua cobardia. Estavam-nos assassinando e este povo... não ouvia. Lindo povo caralho! E você e eu só cantamos “Canção de Caminhantes”, veja você. Mas diga-me Dunia, quem se importa com isso agora? Quem?

DUNIA

Nada foi o mesmo desde aquele dia.

SANDRA

E Maren assassinada.

DUNIA

Quando Fernando saiu da cadeia escondeu-se em suas feridas. Mas as minhas seguiam abertas. Quando eu falava de amor não falava de esquecimento. Que difícil é esquecer quando a cicatriz lembra.

Troca de luzes. Sandra começa a lembrar como si estivesse em trance.

(1) Cantamos: expressão popular que significa trair

SANDRA

Maren está sentada na minha frente e seus joelhos nus roçam os meus. Maravilhosa sensação o contato de duas peles feridas. Posso sentir o suave gesto com o que lentamente se levanta a venda dos olhos e meu gesto a iguala. Sinto medo e vontade de ver. E eis aqui seus olhos. Seus belos olhos grandes, maiores ainda pelo horror com que me miram. E ali, exatamente ali, no médio de suas pupilas dilatadas e avermelhadas, vejo aos meus olhando exatamente com o mesmo horror. Vejo também que nem seus olhos nem os meus são os mesmos. Vejo um silêncio. Vejo logo a ternura e as mãos de Maren baixando lentamente por meu nariz quebrado, chegando a meu lábio rachado, entretendo-se no sangue ainda fresco de meus dentes, eu estou chorando, e então alguém sussurra: passos! E voltamos às sombras.

Há um silencio cheio de emoção.

DUNIA

Como dói sua ausência, Maren, ay, como dói! Mas assassino é assassino e não há amnistia que possa branquear seu crime. (*Pausa longa*). As lembranças unem, mas às vezes separam também.

SANDRA

Como uma porta aberta ao mar. Dá a praia enquanto remove a casa.

Se ouvem os acordes de um can-can. Sandra e Dunia miram-se cúmplices, recuperando o bom humor e a adolescência.

SANDRA E DÚNIA (Cantam e bailam)

“Somos meninas petiteras, magras e fuleras do 73,
usamos meias amarelas, sapatos com fivela
e falamos inglês, oh Yes! “(2)

Somos meninas guerrilheiras, magras e malandras dos 73.
Usamos metralhadoras, bombas com silicones
e falamos soviet, oh niet!”

(2) Anônimo

DUNIA

Trinta admoestações por apologia da subversão! Só para nós, que éramos o mais bobas nesse momento.

SANDRA

Nem tanto! Então não conhecíamos o “Jornal do Che” quase de memória?

DUNIA

Eu acho que embora você e eu não tivemos nada de guerrilheiras, essas admoestações prejudicaram-nos. Digo... pelo que aconteceu depois.

SANDRA

É que eles pegavam em qualquer coisa para nos converter em inimigas.

DUNIA

Lembra-se quando desapareceu a garota do quinto ano A?

SANDRA

Como esquecer? Chegamos um dia à escola, perguntamos por ela e a preceptora, com voz muito baixa, nos diz que a tinham posto presa: “algo deve haver” concluiu em tono condenatorio.

DUNIA

Nos dias seguintes perguntamos por mengano... e a preceptora “algo deve haver”.

SANDRA

O que acho mais difícil de entender é nossa atitude, porque em vez de protestar, de ir buscá-los, seguimos indo à escola como se esas desapareições não tivessem nada a ver com a gente.

DUNIA

Estão presos, isso nos diziam. E ante cada nova desapareição: “algo deve haver”

SANDRA

¡Algo deve haver! Deveria estar escrito no escudo nacional como emblema. (*Fica pensativa. De pronto sorri contente*) Sabe do que estou lembrando-me? Duma tarde que fomos ao Parque Pereyra... sabe do que estou falando?

DUNIA (*Com voz de mistério*)

Era um segredo.

SANDRA

Estávamos sentadas no pasto, rodeando ao líder da turma, um garoto um pouco mais velho que a gente, quantos anos teria?

DUNIA

E, talvez uns vinte e dois.

SANDRA

Ele tocava o violão e cantava. Todos cantavam. Só a gente não sabia a letra.

DUNIA

Mas aprendemos rápido.

SANDRA (*Divertida, canta com a música de [“Durma Pretinho”](#)*)

“Durma, durma my baby,
que your mother está na Bolsa, my baby”

DUNIA (*Alegre*)

“Vai-lhe trazer codornas para voce,
vai-lhe trazer carne de porco para voce,
Vai-lhe trazer um escaletic para você,
vai trazer muitas coisas para você”

SANDRA Y DUNIA

“E se baby não dorme
vem o comunismo... e zás!
confisca-lhe os brinquedos,
chacapumba, chacapumba, pum” (3)

DUNIA

E enquanto cantávamos tão lecionante canção, oh! o que vimos? Um policial a cavalo que vinha em direção a gente e então...

SANDRA

Raudamente...

DUNIA

Para nossa surpresa...

SANDRA

Sem darnos conta do que estava acontecendo...

DUNIA

O garoto do violão...

SANDRA

E o coro, isto é muito importante, o coro...

DUNIA

Deixou de cantar. Umas gotinhas de suor caíam sobre sua testa.

SANDRA

Fazia calor...

DUNIA

Não era o calor, estúpida, era a situação.

(3) Anônimo

SANDRA

Ah, claro, a situação. Mas o verão estava chegando, também fazia calor.

DUNIA

Empunhou o violão e olhando com olhos firmes ao policial que já quase nos pisava os calcanhares...

SANDRA

Abriu a boca e...

SANDRA E DUNIA (*Cantam “[A felicidade](#)” de Palito Ortega*)

“A felicidade já já já
de sentir amor oh oh oh
hoje faz-me cantar ah ah ah
ao meu coração oh oh oh”

DUNIA

O policial passou e nem olhou para a gente!

SANDRA

Mas bom susto nos levou! Acho que foi ai quando abandonei toda idéia romântica respeito ao Che e decidi voltar-me pacifista como meu guru...[Joan Bárez!](#) (*Ri*) Que coqueteleira tínhamos na cabeça!

DUNIA

E...éramos fiel reflexo da sociedade, porque diga-me, quem entendia o que estava acontecendo? Se aquilo parecia um sainete.

SANDRA (*Brincando*)

O Prostíbulo!

DUNIA (*Seguindo o jogo*)

Título excelente! Um prostíbulo com gerencia tripartite: um velho administrador geral, uma gerente de cantos e afins e o infaltável porteiro serviçal. (4)

SANDRA

Quando alguém não lhes gostava, o porteiro gritava: A, A, A! (5)

DUNIA

E como por arte de bruxo... essa pessoa desaparecia.

SANDRA

Rondavam o local, pretendendo ficar com sua administração... (*Muito irônica*)... amorosos jovens imberbes (6), idealistas cães... (7) (*Com dor*). Que vermelhas voltaram-se nossas ruas.

DUNIA

“Argentina Potência” (8). E sim, as bombas tinham muita potência. Destroçavam tudo, incluídos nossos sonhos.

SANDRA

E a historia repetiu-se. É o que acontece quando os povos não têm memória.

Se escuta um suave tanger de badaladas da igreja.

DUNIA

“Ela” também quer esquecer o que fez.

O tanger volta-se quase violento, quase assassino.

⁴ O General Perón, Isabel Martínez de Perón e José López Rega, “O bruxo”

⁵ AAA: “As Três A: Aliança Anticomunista Argentina”

⁶ Imberbes: assim chamou Peron à organização guerrilheira peronista Montoneros

⁷ Cães: nome popular da organização guerrilheira ERP.

⁸ Eslogan do peronismo em 1973.

SANDRA

Eu acho que as garotas e os garotos de hoje não entendem nada do que dizemos.

DUNIA (*Simpática*)

Que perguntem! Para que estamos os adultos? (*Pausa*). Eu acho que não o sabemos, mas éramos felizes então. Éramos jovens, não tínhamos conhecimento de tudo.

SANDRA

Que tempos aqueles.

DUNIA

Que tempos

Susana Rinaldi canta “[O 45](#)” de Maria Elena Walsh. Sandra e Dunia dançam.

SUSANA RINALDI

“Se lembra, irmã, que tempos aqueles...
a vida dava-nos a mesma lição,
na primavera do 45
tinha quinze anos o mesmo que eu.

Lembra-se, irmã, daqueles cadetes...
o primeiro bolero e o chá no Galeão,
quando nos domingos a chuva trazia
a voz de Bing Crosby e um verso de amor.

Lembra-se da Praça de Maio
quando quem lhe diz saia ao balcão...
tanto mudou tudo que o sol da infância
de repente aluo-se-nos.

Lembra-se, irmã, que tempos de secagem...
quando um pobre peso dava o estirão
e pagar-nos uma idade de raboras
valia mais vida que um milhão de hoje.

Lembra-se, irmã, que desde muito longe
um cheiro a espanto enloqueceu-nos...
era de Hiroshima onde tantas garotas
tinham quinze anos como você e eu.

Lembra-se que mais tarde a vida
veio com salto alto e nos separou...
já não compartimos o mesmo bonde,
só reúne-nos a boa de Deus.”

Sandra e Dunia, que tem dançado como duas boas amigas, separam-se bruscamente, como se uma força estranha e poderosa as arrancara à uma da outra, enfrentando-as.

DUNIA

Exílio. Terrível castigo ao que condenaram-nos. Exilada você em terras distantes, exilada eu nas nossas.

SANDRA

Mas era o seu povo quem acordava com você. Seu mesmo acento, as mesmas comidas e a mesma gente.

DUNIA

Parecia a mesma, mas não era. A gente com medo se converte em outra.

SANDRA

Você e eu tivemos medo.

DUNIA

E?

SANDRA

Não mudamos por isso.

DUNIA

Não mudamos?

SANDRA (*Sorprendida*)

O fizemos?

DUNIA

A amnésia era a única forma de sobreviver sem traicionar. Não lembrar nenhum número, nenhuma direção, nenhum nome. No entanto, lembrar os beijos todos, os sorrisos todos, os abraços todos.

SANDRA

Foram dias? Ou semanas?

DUNIA

Foi por demais.

Ficam caladas.

SANDRA

Ainda não posso entender que depois disseram que não sabiam nada.

DUNIA

O medo é um sentimento tão humano quanto o amor.

SANDRA

Gostaria ter vossa amplidão, mas não a tenho. Por que... o que pensaram quando deixaram de ver à vizinha, ao padero, ao médico?

DUNIA

Talvez que não queriam serem os próximos.

SANDRA

As Mães (9) também não o queriam ser.

DUNIA

Sei. Mas se viver custa, sobreviver exigiu habilidades que jamais imaginamos podíamos ter.

SANDRA

Será por isso que as Mães molesta-lhes tanto? Porque lhes fazem lembrar sua complicidade?

DUNIA

Tiveram medo, equivocaram-se, você jamais se equivoca?

SANDRA

Mas se o terrível não é equivocar-se! O terrível é não reconhecer o erro.

DUNIA

Que fácil vê-se tudo desde fora!

SANDRA

Há um país que tem as mãos manchadas com sangue e diz que o crime cometeram-no outros.

DUNIA (*Dura*)

Também as suas, também as minhas.

SANDRA (*Dura*)

Nós fomos vítimas. É cúmplice ou vítima, não se pode ser as duas coisas.

DUNIA

E já vê, assim foi: vítimas porque tiveram medo e cúmplices por o mesmo.

(9) Mães de Praça de Maio: mães de pessoas desaparecidas pela ditadura argentina.

SANDRA

Trinta mil pessoas. A população de um povo pequeno. De repente desaparecem e ninguém, absolutamente ninguém dá-se conta de nada. Ninguém perguntou o que aconteceu. Deixaram de vê-las dum dia para o outro e comportaram-se como se na realidade jamais tivessem existido.

DUNIA

Existiram e ainda nos dói muito. Mas “O Processo” (10) acabou. Acabou! Percebe?

SANDRA

O Processo? Eu acho que aí começa tudo, sabe? Começando a chamar às coisas por seu nome: ditadura. Ou até isso esqueceram?

DUNIA

Você também esqueceu. Tanto, que agora volta pretendendo fazer-nos crer que éramos diferentes. Mas sempre fomos iguais. É sua mirada que mudou. Seus olhos que têm visto mundo já não reconhecem ao povo onde aprenderam a mirar.

SANDRA

É que não se dá conta? Não se pode construir um país sobre os alicerces de trinta mil desaparecidos!

DUNIA (*Irónica*)

Claro que se pode! Acaso não se levantou a Alemanha sobre os fornos crematórios?

SANDRA

Sim, e assim estão agora.

DUNIA

Você não estava aqui.

(10) O Processo: eufemismo da ditadura argentina 1976-1983

SANDRA

E isso não me dá direito a opinar?

DUNIA

Isso a obriga, pelo menos, a certa humildade. Que se baixe de seu pedestal de exilada que tem percorrido mundo...

SANDRA (*A interrompe muito incómoda*)

Denunciando a ditadura!

DUNIA (*Irónica*)

Mas Paris não era menos linda por isso, verdade? Que se baixe de seu pedestal e olhe para nós de igual a igual. Quiza então descubra coisas muito simples em nossos olhos: o povo que sempre fomos. Uma verdade que talvez não queira ver, porque aponta a sua ausência.

SANDRA

É que agora se chama ausência ao exilo?

DUNIA

Chega de jogos de palavras! Goste ou não, um exilo é uma ausência! E os que ficamos não temos a culpa disso!

SANDRA (*Doída*)

O que molesta-lhe tanto?

DUNIA

Que vocês chegam, apontam-nos com seu dedo indicador internacional e acusam-nos: por que permitiram que pasasse tudo isto? Mas eu pergunto, Sandra, humildemente pergunto: onde estavam vocês enquanto isto acontecia? Longe.

SANDRA

Mas não por decisão própria.

DUNIA

Na Europa, nos Estados Unidos, no Caribe... Vocês estavam livres no mundo livre!

SANDRA

Exilada... por se não se lembra.

DUNIA

Mas sem medo!

SANDRA

Mas o que você acha foi o exilo? Férias no Caribe num hotel cinco estrelas? Não, querida, não. Parafrazeando a Borges lhe direi que não unia-nos o amor senão o espanto... seria por isso que nos queríamos tão mal. E a ditadura estendeu seus tentáculos, o medo não abandonou-nos jamais.

DUNIA

Mas fomos nós quem a enfrentou nas ruas para que você pudesse volver. A nos acusar por um olvido que não é mais que cansaço!

SANDRA

Um cansaço que põe-nos em perigo! Não da-se conta de que a “Obediencia Devida”, “Ponto Final” e o “Indulto” (11) põem-nos em perigo? Façam o que façam eles sabem que sempre serão impunes!

DUNIA

Mas completamente desprestigiados! Não voltem mais porque a gente não os quer!

SANDRA

Até que esqueçam! E não há nada mais fácil de esquecer que o que não se quer lembrar!

(11) Leis aprovadas por Alfonsín para impedir o juízo aos militares acusados de violação de direitos humanos. O Indulto foi outorgado por Menem em 1989.

DUNIA

Acaba de chegar. Não se conhece a realidade com uma mirada só. Quando se tem visto muito termina-se por não distinguir nada.

Ficam em silêncio, enfrentadas na mirada.

DUNIA (*Com cansaço*)

Tratava-se de fechar feridas, não o pode entender? Não podíamos seguir dessangrando-nos

SANDRA

Mas nenhuma ferida fecha-se sem antes curá-la e muito menos se está infectada. E ali está o vírus, crescendo na impunidade, alimentando-se de nosso esquecimento.

DUNIA

Esse vírus está cercado pelo desprestígio. Essa é nossa vacina e criaram-na eles mesmos: seu desprestígio. Não podrá atormentar-me, Sandra, sei que meu filho pode dormir tranqüilo: o passado não volta.

SANDRA (*Desesperada*)

Como, Dunia, como pode dormir tranqüila? Se aí estão eles, sentados ao nosso lado no teatro, andando com a gente, com a testa bem alta, orgulhosos do que fizeram. Como? Se o desprestígio cargam-no em suas casacas como medalha de honor! Como se jamais se arrependeram nem pideram perdão? (*Quase num grito*) Como?!

DUNIA (*Desesperada*)

Porque não os queremos!

SANDRA (*Depreciativa*)

Como se simplesmente chegara com querer! Tinha-se que sair à rua gritar NÃO!
(12) Na ditadura não saíram porque tiveram medo... e na democracia? Porque não saíram? Nem para salvar nem para castigar! Nunca saíram!

DUNIA (*Desesperada*)

Chega Sandra! Não sou a responsável de que estejam livres!

SANDRA (*Com cansaço e dor*)

Eu sei, Dunia, eu sei. Perdoe-me. Não é você. É a maioria do povo argentino.

Ficam em silêncio, sem mirar-se.

DUNIA

Nunca pensei que passaria-nos isto. Crei que simplesmente chegava uma ponte de cartas para evitar que uma fenda se abrisse.

SANDRA

E agora escutávamos-nos e tomamos conta que não, não chegava.

DUNIA

Vejo-o na margem em frente e não posso acreditar. Em que momento passou isto? Como não nos demos conta antes? E aqui estamos agora, tratando de unir os pedaços sem poder evitar lastimá-nos no intento.

SANDRA

Se sente que se morre quando se vai do país, sabe? De nostalgia, de dor, de pátria. Mas o país não morre porque a pessoa vai embora, segue crescendo. E se a pessoa fica com as raízes no ar, não cresce. E quando volta, o país olha para você desde acima e lhe diz: e bem, o que aconteceu como você que ficou anã?

(12) NÃO: Eslogan de organizações de direitos humanos que oponham-se ao Indulto.

DUNIA

Ter as raízes na terra não significou necessariamente ter crescido. Como a árvore que quer estender as ramas e ao que fecham-lhe o ar, assim crescemos: deformes.

SANDRA

Voltaram-se implacáveis.

DUNIA

O que nos censuram? Ter cuidado da casa enquanto vocês estavam longe?

SANDRA

Não. O que me dói é que agora vocês se sentem donos da casa e tratam-nos como a inquilinos sem direitos.

DUNIA (*Com ternura*)

A casa é sua.

SANDRA

Não a reconheço. No seu lugar há uma fenda. Debruço-me e vejo minha infância, minha adolescência, navegando em águas turbulentas mas conhecidas. Chego ao presente e o presente é uma paisagem que não conheço.

DUNIA

É que houve uma tormenta muito grande e não todas as árvores ficaram em seu lugar. Muitas foram arrancadas de raízes, outros ficaram quebrados. Mas você e eu sobrevivemos. Fomos mais fortes que o mais forte de todos os furacões. O vento soprou impiedosamente. E a paisagem mudou, por isso você não a reconhece. Mas você e eu sobrevivemos. E cá estamos, vivas apesar de tudo.

Susana Rinaldi canta "[Apesar de tudo](#)" de Eládia Blázquez. Sandra e Dunia vão até o janelão.

“Apesar de tudo, cada dia traz-me,
a louca esperança, a absurda alegria.
Apesar de tudo, de todas as coisas,
brota-me a vida, crescem as rosas”

DUNIA (*No janelão, olhando fora*)
Está amanhecendo.

SANDRA (*Se para trás dela, olhando fora*)
Sim, “amanhece, sempre amanhece”. (13)

SUSANA RINALDI

“Apesar de tudo chovem luceros,
invento um idioma dizendo... ¡O amo!
Um sonho me nina e eu acomodo-me,
meu travesseiro de lua, apesar de tudo.”

DUNIA (*Com ternura*)
Vejamos como temos a memória? Lembra-se o que fazíamos quando estudávamos até o amanhecer?

¹³ Escrito numa prisão argentina durante a ditadura.

SANDRA (*Com ternura*)

Púnhamos um “tanguinho”, é claro.

SUSANA RINALDI

“ Apesar de tudo, a vida que é dura,
também é milagro, também aventura.
Apesar de tudo irá adiante,
a fé no caminho será sua constante”

DUNIA

A Tana (14), certamente.

SUSANA RINALDI

“A pesar de tudo, deixando-a aberta,
verá que o sol entra por sua porta.
Não há melhor motivo se encontra o jeito,
que sentir-se vivo, apesar de tudo.

Apesar de tudo, estou aqui colocada,
os pássaros livres e a alma de festa.
Apesar de tudo beija-me seu riso,
E o duende e o anjo do vinho e a brisa.”

14) A Tana: Apelido carinhoso da Susana Rinaldi na Argentina

SANDRA

Acendíamos o fogão, púnhamos a chaleira ao fogo...

DUNIA

E...?

SANDRA

Preparávamos o mate. Sem confeitarias, porque a padaria ainda estava fechada.

DUNIA

Não se pode perder a tradição.

SANDRA

Não se pode, não

Começam a preparar o mate. Estão cansadas, mas com esperança.

“Apesar de tudo, o pão e a casa,
As crianças que crescem brincando na praça
Apesar de tudo a vida ¡Que bela!
Sempre e sobre tudo das coisas todas.

Apesar de tudo deixando-a aberta,
verá que o sol entra pela sua porta.
Não há motivo melhor se acha o jeito,
que sentir-se vivo, apesar de tudo.”

TELÃO

Caracas 1992

ESCRITORAS UNIDAS & CÍA. EDITORAS
